

A VERDADE SOBRE TOTÓ PAES

Alfredo da Motta Menezes

Totó foi escolhido governador de Mato Grosso em 1903. Em 1906 foi assassinado em pleno mandato. Assassinado como resultado de uma forte disputa política local, que incluía bandos armados, tiroteio e todos os ingredientes próprios daquele momento em uma disputa pelo poder.

Totó Paes era o dono da usina Itaicy, que ficava abaixo de Santo Antonio do Leverger, às margens do rio Cuiabá. Suas construções podem ser vistas ainda hoje. Era a melhor de todas naquela época. A principal produção era o açúcar para exportação. Paes era um coronel político e líder empresarial, portanto. Numa luta entre oligarquias local resolveram assassiná-lo. Disputas entre lados sempre houve mas, até aquele momento, os vencedores não mandavam matar lideranças do lado vencido. A morte de Totó Paes, nas circunstâncias em que ocorreu, é que chama a atenção.

Está em Cuiabá um norte-americano, Zephyr Frank, fazendo pesquisas para sua tese de doutorado pela Universidade de Illinois. O seu estudo sobre Mato Grosso vai de 1880 a 1937, incluindo portanto, o período das escaramuças políticas em que se deu o assassinato de Totó Paes. Ele, Zephyr, depois de pesquisar no Arquivo Público, tem argumentos próprios sobre os prováveis motivos que levaram à morte do governador da época. Conversamos algumas vezes sobre isso. Seu ponto de vista é interessante e pode levar luzes novas sobre aquele acontecimento até agora não muito bem esclarecido. Além dos aspectos conhecidos da política local e nacional daquela época, ele acrescenta alguns outros.

Em dado momento Totó Paes foi acusado na Justiça pelo chamado massacre da baía do Garcez. Segundo se comentava - e se comenta ainda hoje - os seguidores de Paes haviam matado muitos adversários políticos de lutas anteriores e os atirado numa baía. É um fato muito discutido, porém até agora parece que não provado. Mas naquele momento levantou-se uma celeuma danada. Quem fez a acusação foi Antonio de Paula Corrêa, que era promotor público.

Zephyr construiu uma equação. É preciso segui-la. O acusador pertencia ao ramo de uma das famílias mais poderosas da época, os Corrêa da Costa, ligados a usineiros e que eram também chefes de outra facção política. Totó Paes era uma espécie de inimigo no campo político e no econômico.

Por que no econômico? A usina Itaicy era a mais moderna de todas. Seu maquinário para a produção de açúcar veio da Alemanha; na fazenda de Paes havia uma pequena ferrovia como meio de transporte e energia própria (antes de Cuiabá); os filhos dos trabalhadores tinham escola; corria uma moeda local; seu porto para embarque e desembarque era o mais equipado. Enfim, criou meios para produzir melhor e por preço menor. Isso pode ter amedrontado certos usineiros da região.

Continuemos com o ponto de vista do Zephyr. Quem financiou grande parte da construção da usina Itaicy foi a firma bancária de Almeida e Companhia. Esse ramo familiar era parente do vice-governador Leite Pedro Osório. Se Totó Paes fosse afastado do poder quem assumiria, portanto, seria alguém ligado aos banqueiros e eles não tinham nenhum ojeriza em relacionar-se com outros ramos familiares daquele momento e que não gostavam da presença de Paes no governo. O grupo Almeida, com a morte de Totó Paes, ficará com a usina Itaicy. Interessante, não?

Os comandantes da “revolução” contra o governador foram Generoso Ponce e Pedro Celestino Corrêa da Costa. Para os Corrêa da Costa o inimigo maior, tanto na área política como econômica, chamava-se Totó Paes. Generoso Ponce, que estava meio exilado em Corumbá desde a chegada de Paes ao governo, era fortemente contra o governador por motivos políticos próprios da época, mas também, acredita Zephyr, por outros que não se pode desprezar.

A família de Generoso Ponce é que vendia ao estado os papéis, os formulários e outros apetrechos da área que o governo necessitava. O que espantou o pesquisador é que os papéis vendidos trazem o nome de Ponce impresso neles. Os fatos sugerem que Totó Paes cortou essas compras. Attingiu uma fonte de rendas de alguns e acabou criando uma aresta política também por esse lado.. Juntam-se vários interesses contra ele. É medianamente claro também que Totó Paes não soube costurar os lados políticos. Foi se isolando. Colocou contra si a maioria das famílias dominantes da época.

O ponto para consideração é que provavelmente foi morto porque

era um estorvo político e um mal ainda maior no lado econômico. Se ele fosse simplesmente apeado do poder, exilado por algum tempo, para mais tarde voltar às suas atividades de usineiro, talvez não fosse interessante aos outros do ramo. O caminho melhor talvez fosse sumir com ele. E o fizeram.

O ritmo de produção de açúcar continuou nos moldes quase antieconômicos da época. A competição de Totó Paes foi eliminada à bala. Condenaram também à morte a produção açucareira local. Essa não agüentará o tranco competitivo de outros lugares.

O desaparecimento de Totó Paes foi bom para parte da elite local. Os Corrêa da Costa e os Ponce dominaram a política daqui por décadas. A maioria dos historiadores da região, inclusive um da família Corrêa da Costa, fizeram o resto ao contar só a história dos vencedores. A família de Totó Paes não teve mais expressão política e econômica no estado. Eliminaram esse ramo com o assassinato de 1906. Um revisionismo histórico parece que está começando.